



A professora Aziza Drumond fez um levantamento histórico sobre as fazendas localizadas no DF

Professor quer que satélites gerem empregos

A palestra feita ontem pelo professor de Geografia Urbana da Universidade de Brasília, Aldo Paviani, no seminário "Brasília Anos 80", foi dividida em 10 trabalhos geográficos, dentro dos aspectos especiais da cidade, bem como da distribuição de sua população e evolução. O professor enfatizou a centralização das funções no Plano Piloto, devido à baixa oferta de empregos na periferia de Brasília. Segundo Paviani, as cidades-satélites deveriam ter uma função de formar empregos, no entanto, "isso não ocorre. As cidades-satélites estão tendo a função de formar mão-de-obra. Em 1970, quase metade da população morava no Plano Piloto, em acampamentos e favelas, e esses números estão bastante alterados hoje".

De acordo com uma pesquisa feita sobre distribuição da população urbana de Brasília, o professor recolheu os seguintes dados em relação aos anos de 1970 e 1980: 1970 - Taguatinga, 20 por cento de habi-

tantes; Gama-14% de habitantes; Sobradinho-7 por cento de habitantes; Guará - 5%, Planaltina - 3 por cento, N. Bandeirante-2%, Brazlândia 2% e Plano Piloto 46 por cento de habitantes. Ao entrar o ano de 1980, a pesquisa registra os seguintes dados: Taguatinga, 18% de habitantes; Guará 15 por cento; Gama, 15%; Ceilândia, 12 por cento; Sobradinho, 6%, Planaltina 5%; Brazlândia 2%; N. Bandeirante 2% e Plano Piloto, 24% de habitantes.

Para o professor, essa crescente concentração da população na periferia da cidade dificulta o deslocamento das pessoas e dos bens, centralizando as funções de emprego no Plano Piloto, criando uma central de mercado de trabalho e da concentração da renda. Considera, no entanto, que há uma tendência crescente quanto às atenções do planejamento e da própria sociedade para questões sociais e econômicas com relação às cidades-satélites.

Para Aldo Paviani, a preocupação do geógrafo, hoje, tem que ser o atendimento das populações periféricas para um planejamento não apenas físico, mas social. "Brasília não teve a preocupação na medida exata de sua importância. A contribuição do geógrafo é para que o espaço não seja visto como rígido e intocável, mas pelo contrário, seja maleável. Acho que nos 20 anos de Brasília é um bom momento para se repensar isso".

FAZENDAS

A professora Aziza Drumond, da UnB, apresentou ontem, no Seminário "Brasília Anos 80", o trabalho "Fazenda e Fazendeiros", uma coletânea de dados obtidos em fontes primárias: arquivos da Terracap, Divisão de Terras e Colonização da Fundação Zoobotânica; cartórios de Luziânia, Formosa e Brazlândia, e através de entrevistas com alguns fazendeiros. Dividido em nove partes, o tema

procura historiar o desenvolvimento das fazendas localizadas na área do Distrito Federal desde a primeira Constituição da República, de 1891, cujo artigo 3º estabeleceu: "Fica pertencendo à União, no Planalto Central da República, uma zona de 14.400 quilômetros quadrados, que será oportunamente demarcada, para nela estabelecer a futura Capital Federal" até os dias de hoje.

Para a professora, "a melhor solução para um rápido desenvolvimento no meio rural do DF, seria criar as condições necessárias para que o homem rural organizasse e obtivesse incentivos, através de um processo racional de utilização da terra, com sua conseqüente fixação ao solo, numa região em que as condições naturais e culturais são marcadas, inegavelmente, por expressiva originalidade geográfica".

Para realizar o trabalho, Aziza percorreu quase todo o quadrilátero das 103 fazendas existentes no Distrito Federal e antigos povoados limítrofes.